

Resumo: É desejável, e mesmo necessário, que se faça silêncio nos espaços de leitura das Bibliotecas, para que os leitores possam concentrar-se; que as Bibliotecas sejam lugares onde não haja perturbação alguma que desvie, abusivamente, a sua atenção. Todavia, não há Biblioteca no mundo onde seja possível mantê-lo. Considerando a raiz etimológica do termo, logo se percebe que os livros estão no seu cerne. Os livros têm vida própria. Acima de tudo, têm voz; afirmam-se e falam entre si. Se apenas falassem entre si, talvez, de vez em quando, nos fosse possível encontrar o silêncio procurado. Mas existem os leitores que falam com eles e sem cuja presença os livros não podem passar. “O leitor escreve para que seja possível” (Manuel Gusmão). Autores e leitores são indissociáveis. É da sua qualidade de seres interdependentes, eternamente votados à partilha do mundo, que vivem as Bibliotecas. Recuperando passagens de alguns escritores, são apresentados testemunhos de cumplicidades, provando que o silêncio não é possível numa Biblioteca. Nos espaços onde coabitam livros e leitores, mesmo que sejam lugares em que apenas encontremos um só livro e um só leitor, as palavras ecoam. É que, se esta não fosse a tónica, o mundo não era nada.

Palavras-chave: Leitores; Memória; Silêncio

Abstract: Silence is desirable, even necessary, in the Reading Rooms of every Library, so that readers can be focused. Libraries should be places where no noise or sound exists, but, in fact, true silence is impossible, because books do live in Libraries and have lives of their own. They have a voice / voices and interact with each other – not only with each other, but with readers too. Readers speak with them and books cannot live without their presence. “The reader writes in order to make it possible” (Manuel Gusmão). Authors and readers are inseparable. They share the world in a continuous and endless way. This is, undoubtedly, what takes place in all Libraries. Considering this assumption, writers have been testifying that silence is not possible in a Library. When books and readers meet, words can be heard all over, as if the world inside and outside was one.

Keywords: Readers. Memory. Silence

I am reading six books at once, the only way of reading; since, as you will agree, one book is only a single unaccompanied note, and to get the full sound, one needs ten others at the same time.

Virginia Woolf. Letter to Saxon Sidney Turner. August, 12, 1928 (BROOKS, 2012)

Autores e leitores escrevem e lêem juntos. O que disto resulta constitui a Biblioteca.

Na Biblioteca, espaço de silêncio e concentração por excelência, está contido o mundo. Nada há, porém, de silencioso numa Biblioteca, se considerarmos que nela se espelha o passado, o presente, por volátil que seja, e o futuro; que nela nos revemos em tom de retórica infinita.

Haverá lugar que reflita a razão, o espírito e a alma de forma mais completa? Por que é que a cidade não sobrevive sem Bibliotecas? Por que razão, ou razões, os autores precisam de

leitores? Por que serem votados ao esquecimento, por *ad aeternum* permanecerem ignorados, significa uma segunda morte?

De uma forma implacavelmente lógica, há que convir que a sucessão de gerações transforma autores em leitores que, por sua vez, se tornarão autores. É no seio da Biblioteca que tudo isto se passa.

O silêncio é um dos tópicos sempre presentes nas definições que traduzem os deveres dos utilizadores das Bibliotecas. Por definição, e de acordo com o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (ACADEMIA, 2001), silêncio significa ausência de barulho, de ruído, de qualquer agitação e é semelhante a sossego.

Em silêncio, por sua vez, significa sem fazer barulho, sem pronunciar uma palavra, sem manifestar os seus sentimentos.

Sossego quer dizer ausência de agitação ou excitação, sendo semelhante a calma. Também significa ausência de preocupações ou de contrariedades; neste caso é semelhante a tranquilidade.

Já aqui, convém esclarecer que o que nos interessa não é questionar o direito ao silêncio que o leitor procura na Biblioteca. Não. Quem tem necessidade dele e espera encontrá-lo numa sala de leitura onde se instala, deve poder dele usufruir. É um direito inalienável do qual não deve ser privado.

Porém, e é isto que nos levanta múltiplas interrogações, que tipo de silêncio pode existir numa Biblioteca? Sendo o silêncio a ausência de barulho, de ruído, de qualquer agitação, cada vez mais nos parece que laboramos em torno de algo impossível de alcançar. Já o sossego, termo com significado semelhante, nos parece mais viável. Surge aliado à ausência de preocupações ou de contrariedades, o que se nos afigura consonante com a ideia de alguns, como Borges, que imaginam o Paraíso como uma espécie de Biblioteca. Haverá lugar melhor do que aquele que nos pode proporcionar tal bem-estar? Poderá uma Biblioteca ser um lugar assim?

As Bibliotecas são feitas de autores, de leitores e de pessoas que promovem a ligação entre ambos – as pessoas que nelas trabalham. São, pois, fundamentalmente três, as categorias de atores em cena: os que não querem, nem nunca quiseram, ser esquecidos e escreveram para não serem ignorados; os que vão no seu encaicho, porque precisam deles para poderem entender-se a si próprios e ao mundo que os rodeia; os que permitem que uns e outros se encontrem.

Todos estes atores comungam da palavra escrita. Ora, a palavra, cerne da condição do ser pensante, imediatamente nos transporta à seguinte questão: pode o pensamento viver em silêncio? Não, não pode, porque se desvanece. Mesmo em sossego, pouco frutifica. O pensamento/palavra tem necessidade absoluta da constante dialética. O estímulo vem-lhe da argumentação incessante. Por isso Manuel Gusmão afirma que “De alguma maneira o leitor escreve para que seja possível” (GUSMÃO, 2001:32).

Em silêncio, nada disto acontece, pois se em silêncio está, segundo o *Dicionário*, quem não manifesta os seus sentimentos, de que forma pode, então, desenrolar-se o pensamento? É certo que “manifestar” quer dizer demonstrar; todavia, cada vez é mais difícil, num mundo em que tudo é intencionalmente partilhado, conseguir, numa sala de leitura de uma

Biblioteca, que se faça silêncio. O tal direito/dever que consta dos Regulamentos deverá ser encarado, futuramente, à luz de um outro paradigma.

Há que juntar emoção e sentimento ao pensamento. É uma emoção que nos faz sentir se uma determinada decisão é boa ou não. Essa decisão traduz-se numa ação. António Damásio, que tem vindo, sobretudo desde 1995, a demonstrar que a conduta e o comportamento social assentam, como toda e qualquer expressão racional, em emoções, ajuda-nos a perceber que as emoções e os sentimentos são o pano de fundo das nossas vidas, as provocadoras da nossa cultura (QUANDO..., 2017).

Assim sendo, não nos parece, sequer, que o leitor possa ser encarado como alguém de quem podemos esperar silêncio, na verdadeira aceção da palavra. Pode e deve colaborar para que exista um ambiente de sossego e tranquilidade, de respeito pela concentração dos outros.

Consideremos, a título de exemplo, três realidades próximas no espaço (Brasil), mas menos próximas no tempo – 2012, 2016 e 2018.

Em maio de 2012, na Universidade Estadual de Londrina (Paraná), uma campanha foi promovida em várias das suas Bibliotecas:

SILÊNCIO: “Aqui falam os livros” (Rosa Mares).

Admite-se, pois, que os livros falam. Realmente, os livros “falam”, mas será que quem os “ouve” consegue permanecer impávido? Enquanto leitores, mesmo que inconscientemente, revelamo-nos através de atitudes e comportamentos. Estes fazem parte da nossa maneira de ser.

É verdade que, subjacente a esta campanha, estão factos que implicaram a necessidade de promover um ambiente em que todos os leitores se pudessem sentir bem. As boas normas de convivência e de respeito pelo próximo tiveram de ser relembradas de uma forma lúdica e educativa (PORTELLO, 2012).

Um compromisso por parte dos utilizadores mais refratários é sempre benéfico. Porém, uma Biblioteca é um espaço de vida e bem sabemos que não há duas pessoas iguais em lado nenhum.

Em outubro de 2016, foi dado início à “Campanha do Silêncio nas Bibliotecas da UCS”. A ideia passava pela consciencialização dos utilizadores relativamente à necessidade de reduzir o ruído nos espaços das várias Bibliotecas da Universidade de Caxias do Sul (Rio Grande do Sul).

“Deve apenas o conhecimento falar alto”, era um dos *slogans*.

Pois! O conhecimento tem de falar e tem de ser ouvido. Ouvido e reconhecido, para que avancemos em conjunto. Mais uma vez, é certo que as razões que levaram a que se encetassem campanhas como esta – já vinham de 2010 – são deveras pertinentes. Os efeitos nocivos do que foi considerado “poluição sonora” repercutem-se na concentração dos leitores. Há sempre que atuar.

Mas, perguntamos nós, será de pressupor que o conhecimento fale sem que quem o ouve reaja? É que há reações individuais que, não raro, encontram eco e acabam por se ir transmitindo de forma inconsciente. Faz parte da nossa maneira de estar. Num espaço

partilhado, como é o de uma sala de leitura, devemos exigir o que não podemos controlar? (ROSANO, 2016).

Em abril de 2018, foi retomada uma campanha pelo silêncio na Biblioteca da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de S. Paulo, campanha esta que, em 2013, tivera já exemplo. Quase todas as reclamações recebidas pela Biblioteca estavam relacionadas com barulho principalmente causado pelas características do edifício (O SILÊNCIO, 2013).

Com certeza, perante uma realidade incontornável, houve que tomar medidas, apelando à compreensão e colaboração de todos. Há Bibliotecas onde, pela sua estrutura, se torna difícil criar espaços propícios à concentração, mas se a isto aliarmos outras razões relacionadas com factos evitáveis, logo concluímos que há sempre processos de minorar o impacto do que é desagradável (SILÊNCIO..., 2018).

Mas o que é que podemos mudar em prol do bom ambiente nas salas de leitura das Bibliotecas? E como é que o podemos fazer? Somos homens e mulheres que pensamos, sentem e agem e não vivem dois momentos iguais. Faz parte da nossa maneira de ser e estar. Uma coisa, todavia, nos parece certa: ignorar que o contexto em que nos movemos é fruto de uma irreversível mudança de paradigma é caminhar, a passos largos, para a frustração. Há que ter presente, por exemplo, o trabalho que a ALA (American Library Association), através do Center for the Future of Libraries, criado em 2014, tem vindo a desenvolver (AMERICAN LIBRARY..., 2014:jul. 31).

As tendências que as Bibliotecas enfrentam são profundamente desafiadoras. Uma leitura atenta dos diversíssimos documentos que têm vindo a ser publicados a este respeito levam-nos a perceber que o silêncio na sala de leitura, tal como tantos ainda o procuram, muito dificilmente será encontrado no futuro próximo (AMERICAN LIBRARY..., 2014:aug. 8).

Realmente, as Bibliotecas, quais organismos vivos, cujas células se renovam a cada instante, não podem parar no tempo, sob pena de rapidamente perderem muito do seu significado. Por que é da palavra que as suas células se alimentam, é a partir dela que devem ser repensadas.

Nas paredes das salas de leitura, a palavra que mais sobressai continua a ser SILÊNCIO. O que é que nos impede de a substituir? Pode ser uma questão retórica, mas, se pedirmos RESPEITO PELO SOSSEGO, em vez de exigirmos silêncio, não será mais adequado à realidade de hoje, tanto à luz do que as neurociências nos ensinam sobre comportamentos e atitudes, como numa perspetiva de futuro?

Mesmo assim, não esqueçamos que o sossego não pode senão ser aparente, uma vez que as Bibliotecas são o espelho tanto da harmonia como do desconcerto do mundo, retratados, analisados, criticados sem limites.

Mais, ainda: se o objetivo do silêncio – condição indispensável à concentração – é o de nos libertar de distrações e o de nos proporcionar um afastamento do “mundo material”, mesmo lendo em silêncio, as palavras ecoam-nos na cabeça, transportando-nos, ao sabor de cada momento, para outros tempos e outros lugares da nossa própria intimidade. Nenhum leitor escapa a isto.

Eduardo Prado Coelho, comentando Manuel Gusmão, afirma a

convicção de que na biblioteca se encontra tudo, que está ali o inventário do mundo, e que na rede das palavras que se bifurcam como jardins sem fim podemos descobrir o enigma de todas as coisas, a teologia na sua condição mais rasteira, empoeirada e material – tudo está escrito, e tudo está sempre disponível para ser lido, mas cada leitura implica uma nova posição do leitor, e por isso, a biblioteca é a totalidade e a leitura é o infinito que excede qualquer totalidade. Daí que o alvoroço da leitura, esse “tropol apaixonado”, esse espaço faulkneriano do “som e a fúria”, seja a experiência reiterada desta contradição: a biblioteca dispensa o mundo na medida em que os mundos irrompem da própria biblioteca: “em plena biblioteca, os livros cantam, os cavalos invadem, o jardim estremece, as laranjas movem na alegria o frio de Janeiro, e a morte vibra alacre pelas várias figuras do leitor” (COELHO, 2001:85).

Tanto a procura do silêncio considerado imprescindível à concentração do leitor, como a impossibilidade de que possa existir, quando um autor e um leitor se encontram pela palavra escrita, têm inspirado incontáveis páginas pela mão de grandes vultos. Ocorreu-nos recuperar, aqui, algumas delas.

Toda a Literatura aporta o seu contributo para que o tecido de que somos feitos vá adotando cambiantes com tanto de ínfimo como de incomensurável. “Todo o mundo é composto de mudança, tomando sempre novas qualidades” (Camões). O que queremos nós do futuro? Que a palavra permaneça – não há dúvida. A palavra que, desde sempre, se acolhe e é acolhida na Biblioteca. Mas também queremos que não nos esqueçam, a nós, leitores – ouvintes que descobrimos as Bibliotecas da cidade. Aqui reside o cerne da questão, porque é preciso saber ouvir e, como para tudo há um tempo, também para ouvir o há. É o tempo a que chamamos nosso. É fazendo uso dele que se consegue estar atento e perceber, decifrando línguas e dialetos, a Biblioteca, ou melhor, quem nela habita. A convivência é expectativa e descoberta. Existimos nós e existem os outros: sempre foi e será assim.

A alteridade manifesta-se, também, na intimidade, na cumplicidade, na afeição, na argumentação que cada autor partilha através da sua própria escrita e estas são sucessivamente postas à prova por quem o lê e a partir dele (re)escreve, num discurso interminável. Os leitores, que se vão multiplicando ao longo dos séculos, reinventam alteridades sempre novas. Há quem diga que já tudo foi inventado. Que o que vamos é assistindo a contínuas manifestações de criatividade, a um ritmo alucinante, quicá arrepiante, que nos empurram para o precipício. Será? Não temos o futuro connosco, mas sabemos que acontecerá. Está nos livros de todas as Bibliotecas que existem no mundo. Depois de nós, outros leitores o interpretarão; todavia, algo permanecerá imutável, porque sempre haverá quem escreva e quem leia: são laços indissolúveis. Tantas são as viagens; inimagináveis os voos. Estar, permanecer, ficar, continuar, sair, ir e andar passam todos a significar o mesmo, dentro da Biblioteca – Ser!

Se estivermos atentos, alturas há em que as vozes que ecoam na Biblioteca, numa sobreposição em que pesam a razão e a emoção, são capazes de definir tanto o rumo de uma vida, como o de uma nação. Não há paradigma, linha de pensamento e de ação que não estejam registados na Biblioteca. Mas, afinal, é isto que os leitores procuram na Biblioteca? O que é que os atrai? Que papel é o de cada leitor que transpõe a porta da Biblioteca? De que é que precisa? Poder-se-á perguntar, por outro lado, se, de facto, precisa de alguma coisa. Se a Biblioteca se assume, a seus olhos, como Casa-mãe, ou se a vê como simples espaço de acolhimento, eventualmente de recolhimento. Não devemos presumir

certezas, mas não deixa de ser verdade que, a partir do momento em que entra na Biblioteca, o leitor passa a estar acompanhado, mesmo que não vislumbre mais ninguém. Por isso, de vez em quando, levanta a cabeça e olha em volta; escuta as vozes que o interpelam e, se o que ouve lhe desperta a atenção, levanta-se e vai dialogar com o nome escrito na lombada. O nome de alguém que existiu, noutra tempo e noutra espaço, mas que atravessou toda a ordem de obstáculos para ali estar. Por isso é que cada momento é precioso dentro da Biblioteca. Estando lá dentro, contudo, num ápice o leitor pode deixar de o estar – qualquer um se pode evadir: basta que se deixe levar por quem o convida à evasão... É curioso, porque continuará sentado, precisamente onde estava já há algum tempo. Quando as luzes se apagarem, o leitor sairá da Biblioteca. Lá fora, o mundo parecer-lhe-á mais inóspito. Não há tempo para conversas e reflexões. Tudo acontece depressa demais.

Os cinco excertos que escolhemos espelham bem, a nosso ver, a realidade/ficção do (im)possível silêncio das Bibliotecas. Sem interrupções, seguem-se Jean-Christophe Bailly, Naomi Shihab Nye, Jean-Marie Laclavetine, Steven Millhauser e Jean-Luc Déjean.

Levada à cena, em 1999, na Biblioteca Palatina de Parma, *Une Nuit à la Bibliothèque*, de Jean-Christophe Bailly, escritor, poeta e dramaturgo nascido em Paris, em 1949, é uma peça assente numa ideia bem interessante: quando a cidade adormece, a Biblioteca acorda e fala consigo mesma, através dos livros que nela se encontram. O que os espectadores vêem e ouvem, instalados nos lugares onde os leitores se costumam sentar, é aquilo que os livros, durante a noite, dizem uns aos outros, enquanto passeiam pela Biblioteca. Os livros, feitos pessoas, refletem sobre o passado e o futuro, a leitura e os leitores, a realidade e a ilusão.

Alegoria: E é porque tudo é assim, mortal, infinitamente mortal, passageiro, infinitamente passageiro, que nós, os livros, temos de carregar o peso de sermos um pouco imortais. É isto que nos acorda, à noite. Foi isto que te acordou esta noite, Fantolin, pela primeira vez desde que chegaste. Mas haverá inúmeras vezes, tanto mais que os dias aqui são longos, muito longos.

Ragionello: E as noites curtas, demasiado curtas! Pelo número que vi na cota, tu vives bastante longe daqui, desta sala, e vai ser preciso, agora, que regreses. E ela (apontando Alegoria), ela também se vai embora, lá para cima, e todos nós vamos deixar de ser aparições e retomar o nosso aspecto de livros, como se nada se tivesse passado. Nem o vigilante da noite, ao fazer a ronda, nem os leitores de amanhã, nem os que aqui trabalham se aperceberão seja do que for. Aliás, quando se afastam daqui, passam a ser diferentes? Não o sabemos.

Fantolin: E se o vigilante da noite chegasse agora e nos surpreendesse, o que é que se passaria?

Alegoria: Nada. Se estivesse muitíssimo atento, veria, talvez, que não estamos no devido sítio, como costumam dizer, mas a nós, a ti e a mim, e a vós e a todos os outros, tal como somos agora, ele não nos veria. Nós vivemos num mundo diferente do dele. É isto que é necessário que te digamos. E estes dois mundos são verdadeiros.

(BAILLY, 2005:49-50)

Naomi Shihab Nye, escritora e poeta americana nascida em St. Louis, no Missouri, em 1952, tem uma vasta e premiada obra. Reconhecida e aclamada pela invulgar capacidade em explorar similitudes e diferenças entre culturas, usando uma linguagem transversal, publicou, em 1998, *Fuel*. O poema seguinte é um dos que constituem esta obra, onde também os livros esquecidos têm lugar.

**Because of Libraries
We Can Say These Things**

She is holding the book close to her body,
carrying it home on the cracked sidewalk,
down the tangled hill.

If a dog runs at her again, she will use the book as a shield.

She looked hard among the long lines
of books to find this one.

When they start talking about money,
when the day contains such long and hot places,
she will go inside.

An orange bed is waiting.

Story without corners.

She will have two families.

They will eat at different hours.

She is carrying a book past the fire station
and the five – and – dime.

What this town has not given her
the book will provide; a sheep,
a wilderness of new solutions.

The book has already lived through its troubles.

The book has a calm cover, a straight spine.

When the step returns to itself
as the best place for sitting,
and the old men up and down the street
are latching their clippers,
she will not be alone.

She will have a book to open
and open and open.

Her life starts here.

(NYE, 2003:82-83)

Em 1991, a Bibliothèque Mériadeck foi inaugurada em Bordeaux. Entre as muitas iniciativas levadas a cabo nessa ocasião, conta-se a publicação de *Quinze Écrivains pour une Bibliothèque*, obra que encerra a colaboração de 15 escritores, entre os quais se encontra Jean-Marie Laclavetine, escritor e editor nascido em Bordeaux, em 1954. *Céleste et les Garnements* conta a história de uma bibliotecária que se torna amiga de dois jovens delinquentes e do seu tutor, Richard.

Ele não se lembrava de se ter sentado perto de Céleste, porém, encontrava-se bem ali, na erva, junto dela. Do halo perfumado de Céleste.

– Cheira bem, disse ele, fechando os olhos – e reviu-a na biblioteca de Cahors, reinando sobre as estantes carregadas de maravilhas e com um odor requintado a papel e cera – cheira bem, cheira a livros...

Céleste desatou a rir.

– Os livros cheiram a papel, a tinta, a pó!

– Não, não! Os livros cheiram bem! Nunca pensei nos cheiros que cada livro contém? O livro que me emprestou, por exemplo, contém milhares de perfumes diferentes: cheira a lareira acesa, a tapete da Turquia, ao pudim da Madame Jellyby, à chuva no terraço...

– A cão molhado, a barba imunda, a manta suja...

– A madressilva, a carne assada, ao perfume do sabonete na face das mulheres... E em cada livro, um mundo de odores diferentes!

– E eu cheiro a tudo isso?

– Claro, afirmou Richard, inspirado. Os livros concentram os cheiros da vida, como os frascos de perfume conservam a essência das flores: vivendo no meio deles, como é que não estaria impregnada deles? – e aproveitou o ímpeto da frase para pousar um braço sobre os ombros de Céleste.

(LACLAVETINE, 1991:12).

From the Realm of Morpheus, que Steven Millhauser, escritor novaiorquino nascido em 1943, publica em 1986, conta-nos a história de Carl Hausman, “um vagabundo na escuridão” que, no encalço de uma “bola de falta”, durante um jogo de *baseball*, acaba por, no meio de um bosque, entrar num buraco que o leva a um mundo imaginário – o mundo de Morpheus (Morfeu), uma divindade amante de prazeres e de grandes floreados, que o convida a visitar o seu reino. Ao penetrar, com o se anfitrião, na Biblioteca, Hausman encontra todos os livros da Antiguidade que se perderam; livros que apenas são referidos em livros; todos os livros que poderiam ter sido escritos e não o foram; todos os livros inacabados, mas agora terminados; livros que são como árvores que dão origem a outras árvores; livros que voam, que falam; livros que têm sabor e podem ser comidos; livros de tamanhos vários e aspetos diversos de cortar a respiração.

Com uma curiosidade relativa, peguei num volume intitulado “Spenser. VII – XII”. Vi, ao abri-lo, que continha os Livros VII a XII de “The Faerie Queene”. Mesmo ao lado encontrava-se um fino volume intitulado “Dickens”, que descobri conter os últimos capítulos de “The Mystery of Edwin Drood”. De olhar surpreso disse: “Mas eu pensei que “The Mystery of Edwin Drood”... - Claro, rapaz: tristemente inacabado no vosso negligente mundo.” Manifestamente satisfeito, apontou para três outros grossos volumes cheios de pó noutra prateleira; estes continham, em letra apertada e a duas colunas, o final de “The Canterbury Tales”, de Chaucer. Aproximando-se do meu ouvido, Morfeu sussurrou-me que o segundo e o terceiro que se seguiam a “The Miller Tale” eram um tanto decepcionantes, mas que o quarto dessa tetralogia era notável, pela maneira como se encontravam misturados o

sublime e o obsceno, embora não se pudesse comparar com o segundo “The Pardoner’s Tale”; e depois o epílogo constituía um dos grandes pedaços de bravura da história de Inglaterra. Entretanto, sem deixar de falar, já tinha retirado da prateleira dois volumes igualmente encadernados em pele encarnada, que incluíam, respectivamente, o final de “Hyperion” e de “The Fall of Hyperion”, de Keats. Na mesma prateleira estava um volume mais fino, no qual descobri o último capítulo de “Das Schloss”, traduzido por Willa e Edwin Muir. Prosseguindo o seu caminho, Morfeu revelou-me o final de “The History of the World”, de Sir Walter Raleigh e o de “Tristan”, de Gottfried von Strassburg. No meio da multidão, mostrou-me o fim de “Hero and Leander”, de Marlowe, e o de “Bouvard et Pécuchet”, de Flaubert, bem como o de “Don Juan”, de Byron – Morfeu qualificou os cantos italianos como um puro “triunfo” – e o de “Weir of Hermiston”, de Stevenson. Os livros pareciam arrumados sem qualquer ordem específica e, enquanto Morfeu tentava apressar-me, eu folheava um certo número de finais, dos quais, todavia, não reconheci todos os títulos: “Jean Santeuil”, “Kubla Khan”, “Der Mann ohne Eigenschaften”, “Le Triomphe de la Vie”, “The Legend of Good Women”, “Orlando Innamorato”, “Christabel”, “Lucien Leuwen”, “Sanditon” e “Septimus Felton”.

(MILLHAUSER, 1991:140-141)

Não sabemos o que nos traz o futuro. Há, porém, quem o antecipe e sobre isso escreva. Entre os 18 textos de ficção científica que compõem *L’Or des Rayons*, antologia publicada em 1987, está *Bon Appétit*, de Jean-Luc Déjean (Montpellier, 1921-2006), escritor, produtor de televisão e professor de Literatura Clássica.

Em 2188, os Marcianos aterram em Paris. O que acontece na Biblioteca Nacional é deveras fantástico.

A nave que pousou na Praça do Palais Royal, em Paris, pertencia ao comerciante-mor TRLZ, especialista em miniaturas exóticas. Mais esperto do que os outros, recusava-se a acreditar na lenda marciana segundo a qual o terceiro planeta do Sol fora povoado por macacos coprofágicos, xenófobos, dominados por tabus e recentemente desaparecidos.

– Vamos lá ver! Tinha ele decidido.

[...]

E foi o que foi feito, em revistas concêntricas, com resultados diversos. Já no fim, a patrulha de VKNM, seguindo pela Rua de Richelieu, descobriu a Biblioteca Nacional.

– Não posso acreditar! exclamou TRLZ, chamado à pressa. Uma reserva inteira, um entreposto cheio! Celulose comprimida, envelhecida em pacotes! Miniaturas para milionários! Aposto que conseguimos encher dez naves espaciais. E tu, Tradutor, conseguiste perceber o que são estas coisas? Como é que as criaturas daqui chamavam a isto?

– Livros!

– Eles comiam-nos, não? Aqueles que os podiam pagar, claro?

– Não. Eles percorriam-nos com os olhos.

– Macacos! Tarados! Bem, comecem o embarque. Vamos pedir ao governo a concessão, por causa da concorrência. Livros. Até soa bem. Fica o nome. Aproxima-se a nossa grande festa. Já vejo o slogan – Deixem-se de economias. Comam um livro da Terra! – Temos negócio. Ficamos ricos em dez viagens.

[...]

Começou a saborear, em pequenas dentadas, qual apreciador, os dois primeiros tomos da “Summa Theologica”, de Tomás de Aquino. Um regalo!

Delicioso! Talvez um pouco pesado. Não convém empanturrar-me, concluiu ele.

E pronto. Os bibliófilos ficarão felizes ao saberem que, desaparecida a raça humana, as obras por ela engendradas nem para todos serão inúteis.

(DÉJEAN, 1987:75)

A palavra, a linguagem, o discurso, que são próprios do homem, definem a comunicação. A comunicação entre os seres humanos fundamenta a construção do mundo. O mundo que permanecerá enquanto houver Bibliotecas.

Terminemos, precisamente com S. Tomás de Aquino que, “heresias” à parte – referimo-nos à fértil imaginação de Jean-Luc Déjean e à personagem que, no seu livro, começa a devorar a *Summa Theologica* – afirma que

A linguagem (loquutio) significa o que é útil e o que é nocivo. Daí se segue que signifique o justo e o injusto. De facto a justiça e a injustiça consistem em que algo se adequa ou não às coisas úteis e nocivas. A linguagem (loquutio) é própria do homem porque, comparando com os outros animais, lhe é próprio ter o conhecimento do bem e do mal, do justo e do injusto, e de outros semelhantes que podem ser significados pelo discurso (sermone). De facto, como ao homem foi dado o discurso pela natureza, e o discurso tem como fim que os homens comuniquem entre si o que é útil e nocivo, justo e injusto, e outros semelhantes, então, do facto de a natureza nada fazer em vão, segue-se que naturalmente os homens comuniquem entre si estas coisas. Ora, a comunicação (communicatio) sobre estas coisas institui o lar e a cidade (domum et civitatem). Portanto, o homem é naturalmente um animal do lar e da cidade (domesticum et civile).

(TOMÁS DE AQUINO - *Comentário sobre a Política de Aristóteles*. Trad. de José Meirinhos, 1971, vol. I, cap. 1, § 29, p.79).

Concluamos, afinal, voltando ainda e sempre a mais uma questão: se a Biblioteca é o espelho do mundo, o mundo que existe fora dela, por que é que o leitor a procura? Mesmo que de tal não se aperceba, o leitor necessita de um contexto; de raízes; de consistência. Não precisa de respostas para tudo, mas precisa de saber orientar-se; de saber ouvir e de saber ouvir-se; de perceber que é único, sim, mas que praticamente tudo deve àqueles que existiram antes dele. Precisa de se encontrar consigo mesmo e de agarrar o tempo, para poder pensar devagar. Dentro da Biblioteca, que é catedral, igreja, santuário, mas também ágora, praça, jardim, o leitor segura no tempo como se fosse dele, e isso é-lhe vital, absolutamente imprescindível. A Biblioteca é o lugar da memória, da identidade e da mais elaborada alteridade. Não menos importante, é um espaço ecuménico, sem fronteiras, e o único lugar onde tudo pode recomeçar. Se algo mais há a acrescentar, então digamos, ainda, que as Bibliotecas são construções sempre inacabadas e que talvez seja por isso mesmo que perdurarão.

* Este texto é dedicado a Margarida Feray-Beaumont, incansável frequentadora dos bouquinistes de Paris

Nota: Os textos apresentados são traduções nossas.

Referências bibliográficas

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

2001 *Dicionário da língua portuguesa contemporânea*. Lisboa : Verbo, 2001. 2 vol.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION

2014, jul. 31 *Center for the Future of Libraries*. [Em linha]. 31 jul. 2014. [Consult. 29 out. 2018]. Disponível em: <http://www.ala.org/tools/future/>.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION

2014, aug. 8 *Trends*. [Em linha]. 8 aug. 2014. [Consult. 29 out. 2018]. Disponível em: <http://www.ala.org/tools/future/trends>.

BAILLY, Jean-Christophe

2005 *Une Nuit à la bibliothèque suivi de Fuochi sparsi*. Paris: IMEC; Christian Bourgois Éditeur, 2005.

BROOKS, Rebecca Beatrice

2012, dec. 11 Virginia Woolf quotes about books, music, art. In *The Virginia Woolf blog*. [Em linha]. 11 dec. 2012. [Consult. 30 out. 2018]. Disponível em: <http://virginiawoolfblog.com/virginia-woolf-quotes/>.

COELHO, Eduardo Prado

2001 *Se o leitor escreve tu escreves. O leitor escreve para que seja possível*. Textos de Manuel Gusmão e Eduardo Prado Coelho. Fotografias de Duarte Belo. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001.

DÉJEAN, Jean-Luc

1987 *Bon appétit : L'Or des rayons: anthologie*. Textes reunis par Monique Douan. Lille : Andromède, La Maison de la Fiction, 1987.

GUSMÃO, Manuel

2001 *As Posições do leitor. O leitor escreve para que seja possível*. Textos de Manuel Gusmão e Eduardo Prado Coelho. Fotografias de Duarte Belo. Lisboa : Assírio & Alvim, 2001.

LACLAVETINE, Jean-Marie

1991 *Céleste et les garnements*. Quinze écrivains pour une Bibliothèque. Bordeaux: William Blake & Co.

MILLHAUSER, Steven

1991 *Le Royaume de Morphée*. Paris : Rivages, 1991.

NYE, Naomi Shiab

2003 *Because of libraries we can say these things. Where books fall open: a reader's anthology of wit and passion*. Selected with paintings by Bascove. Boston : David R. Godine Publisher, 2003.

PORTELLO, Solange Gara

2012, maio 10 Silêncio! “Aqui na Biblioteca quem fala são os livros” (Rosa Mares). In *Blog [do] Sistema de Bibliotecas da UEL*. [Em linha]. 2012. [Consult. 27 out. 2018]. Disponível em: <http://bibliotecasdauel.blogspot.com/2012/05/silencio-aqui-na-biblioteca-quem-fala.html>.

QUANDO ME PERGUNTAM...

2017, nov. 5 Quando me perguntam qual é o maior cientista de sempre, respondo: na minha área, é Shakespeare. Entrevista António Damásio. Isabel Lucas (texto) e Rui Gaudêncio (fotografia). [Em linha]. *Público*. (5 nov. 2017). [Consult. 31 out. 2018]. Disponível em: <https://www.publico.pt/2017/11/05/ciencia/entrevista/antonio-damasio-1791116>.

ROSANO, Pedro

2016, out. 11 Conheça a “Campanha do Silêncio” nas Bibliotecas da UCS. In *Blog do Sistema de Bibliotecas da UCS*. [Em linha]. 11 out. 2016. [Consult. 27 out. 2018]. Disponível em: <https://bibliotecaucs.wordpress.com/2016/10/11/conheca-a-campanha-do-silencio-nas-bibliotecas-da-ucs/>.

O SILÊNCIO

2013, ago. 18 O Silêncio. In *Blog da Biblioteca da ECA*. [Em linha]. 8 ago. 2013. [Consult. 27 out. 2018]. Disponível em: <https://bibliotecadaeca.wordpress.com/2013/08/19/o-silencio/>.

SILÊNCIO, GENTE ESTUDANDO

2018, abr. 2 Silêncio, gente estudando. In *Blog da Biblioteca da ECA*. [Em linha]. 2 abr. 2018. [Consult. 27 out. 2018]. Disponível em: <https://bibliotecadaeca.wordpress.com/?s=silencio>.

TOMÁS DE AQUINO

1971 *Sententia libri politicorum*, lib. 1, cap. 1, n. 29. Opera omnia (ed. Leonina), vol. 484. Roma: ad Sanctae Sabinae [Comissio Leonina], 1971.

Isabel Pereira Leite | carpe.diem.ipl@gmail.com

Universidade do Porto - Faculdade de Letras / CITCEM